

Autobiografia

Antes de ler a autobiografia da escritora Ana Maria Machado, responda à questão a seguir.

- 1 Você já leu algum livro dessa escritora? Se sim, qual(is)?

Ana Maria Machado

Primeiros passos

Meu nome é Ana Maria Machado e eu vivo inventando histórias. E dessas que eu escrevo, algumas viram livros. Adoro o meu trabalho. Ainda bem, porque acho que não ia conseguir viver se não escrevesse.

Já fui professora, já fui jornalista, já fiz programa de rádio, já tive uma livraria e nesse tempo todo nunca parei de escrever.

Nasci e me criei no Rio, mas quando era criança costumava passar os verões na praia de Manguinhos, no Espírito Santo. Ficava quase três meses por ano à beira do mar, com meus avós, junto à natureza e às tradições.





Tico-Tico, a primeira revista a publicar histórias em quadrinhos no Brasil, circulou entre 1905 e 1977.



A primeira aparição do famoso Sítio do Pica-Pau Amarelo acontece no volume *Reinações de Narizinho*, escrito por Monteiro Lobato e publicado em 1931.

A expressão popular **pintar o casaco** significa fazer o que **der vontade**, sem se preocupar com o resultado.

O **científico** corresponde ao Ensino Médio da atualidade.

Como não havia eletricidade, todas as noites as pessoas se reuniam para contar e escutar histórias. Cada adulto tinha a sua especialidade, contando os mais variados tipos de história. Tenho certeza de que sem os verões em Mangueirinhas eu escreveria bem diferente.

Apreendi a ler sozinha, com menos de cinco anos. Depois de deixar minha professora e minha mãe assustadas (achavam que poderia fazer mal!), comecei a mergulhar em leituras como o *Almanaque do Tico-Tico* e os livros de Monteiro Lobato. Foi nesse período que encontrei o livro que marcaria a minha vida para sempre: *Reinações de Narizinho*.

No meu aniversário de sete anos, ganhei de presente um marcante e inesquecível diário. Era um fichário preto, de três furos, onde eu podia guardar tudo o que quisesse e trancar para ninguém ver.

Na primeira página tinha um desenho lindo, feito por encomenda a um pintor argentino chamado Carybé. Nesse tempo ele ainda não tinha virado baiano nem ilustrador de Jorge Amado e García Márquez. Sai escrevendo furiosamente no diário.

Era uma boa aluna e vivia ganhando prêmios – em geral livros, da família. Uma das minhas redações foi tão elogiada e premiada que a mostrei em casa.

Meu tio Nelson, que estava lá, levou o texto para o meu tio Guilherme, folclorista – e essa acabou sendo a minha estreia literária.

Devidamente assinado e aumentado, por encomenda da revista *Folclore*, saiu publicado meu *Aracatã*, sobre as redes de pesca artesanal em Mangueirinhas. O meu orgulho supremo foi que a revista não falava que o texto tinha sido feito por uma menina de doze anos.

Pintando o casaco

A minha adolescência foi repleta de livros, que me proporcionaram grandes prazeres e descobertas. Ficava abismada com o jeito de escrever de grandes autores e cronistas, como Rubem Braga.

Na escola, em casa e com meus amigos, estava sempre rodeada de gente que também gostava de curtir a vida tendo bons livros ao seu lado.

Estava no **científico** quando comecei a estudar pintura, primeiro na Escolinha de Arte do Brasil, depois no Atelier Livre do Museu de Arte Moderna.



Foi nesse curso que tive o privilégio de ter aulas com Aloísio Carvão, por quem guardo até hoje um carinho muito grande.

Nunca alguém tinha sido tão exigente comigo e ao mesmo tempo me dado tanta força, me preparando para a dureza de ser artista.

Chegos a hora de fazer vestibular, e eu não tinha ideia de que curso escolher. Na dúvida entre química e arquitetura, acabei optando por geografia, pensando que aprenderia assuntos como geografia econômica ou entenderia de modo mais profundo a sociedade brasileira. Mas a faculdade me desapontou, com a exigência de muito conhecimento exato. Para mim, no fundo, nada disso importava ou teria utilidade. O que eu queria mesmo era trabalhar como pintora.

Menos de um ano depois, cansada de examinar rochas e eixos de cristalografia, mudei de curso e fui estudar letras. Também comecei a trabalhar como professora, dando aulas de português, latim e francês (em inglês!) numa escola americana. Mesmo com tantas atividades, ia seguindo com a carreira de pintora, fazendo exposições individuais e coletivas.

De repente, tudo ficou mais sério. Me formei e fiz mestrado, casei com o médico Álvaro Machado, mudei de sobrenome e de cidade, indo para São Paulo. Passei a escrever artigos para a revista *Realidade* e a *Enciclopédia Bloch*, além de traduzir textos e continuar pintando.

Nesse período nasceu meu primeiro filho, Rodrigo. Também ganhei uma amiga para a vida toda, a escritora Ruth Rocha, que virou minha cunhada.

Recebi certo dia uma ligação da Editora Abril, me chamando para escrever em uma nova revista voltada para crianças, e que se chamaria *Recreio*. Não acreditei no convite, afinal era professora universitária, nunca tinha feito nada parecido. Mesmo assim, insistiram em mim e acabei topando. A revista fez um sucesso imenso, e acabou abrindo caminhos para a nova literatura infantil brasileira.

Aquele abraço

Em 1969, o país estava em plena ditadura. Já vivíamos sob o peso do Ato Institucional nº 5, que fechou o Congresso, instituiu a censura e consolidou a tortura.

O segundo semestre desse ano foi particularmente difícil para mim. Fui presa, tive colegas, amigos e alunos detidos.

Quando o ano acabou, estava desmontando minha casa e fazendo malas para deixar o país. Anos depois, escreveria sobre essa época no romance *Tropical Sol da Liberdade*.

Fui para Paris em janeiro de 1970, onde trabalhei como jornalista na revista *Elle* e como professora em Sorbonne. Também trabalhei numa biblioteca, cuidando do setor sobre a América Latina, fiz dublagem de documentários e participei de exposições de pintura. E tratei de aproveitar a oportunidade para estudar e aprender bastante.

Virei aluna da *École Pratique des Hautes Études*, onde reinava soberano o famoso semiólogo Roland Barthes. Em suas aulas, ele chegava a encher um anfiteatro com 800 estudantes, mas também orientava em separado a um pequeno grupo de 20 estudantes. Depois de uma entrevista, ele me chamou para pertencer a esse grupo.

O subtítulo "Aquele abraço" estabelece uma relação intertextual com a canção de Gilberto Gil de mesmo título. Composta em 1969, é um hino de despedida do Brasil, em função do exílio do artista.

